

A INSERÇÃO DA CULTURA NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA: O SENTIMENTO QUILOMBISTA NO CONTO “DUBLÊ DE OGUM”, DE CIDINHA DA SILVA

* Universidade Federal de Juiz de Fora
- UFJF

JAIRO MORATÓRIO DO CARMO*

E

Resumo

Este artigo se propõe a analisar o conto “Dublê de Ogum”, de Cidinha da Silva, à luz do Quilombismo, conceito forjado por Abdias do Nascimento para designar práticas de libertação das amarras do olhar de fora ao representar o negro, adotando uma postura de valorização dessa estética. O sentimento quilombista do conto anseia uma negociação para que o desdobramento brasileiro do signo africano de Ogum se equivalha a símbolos autorizados socialmente, através da estratégia de admissão de elementos negros no texto como forma de resistência ao silenciamento sempre imposto a essa cultura.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Dublê de Ogum; Quilombismo.

A produção literária brasileira, sempre alinhada às ideologias dominantes, legitimou a consolidação de culturas discriminatórias como a do branqueamento positivo e a da superioridade da raça branca e das culturas europeias. A reavaliação do papel do negro na literatura só começa a ocorrer efetivamente na atualidade, após revisão e desconstrução do lesivo mito da democracia racial. Com isso, a polêmica de se discutir os limites de uma tão falada literatura afro-brasileira tem sido árdua tarefa sobre a qual têm se debruçado intelectuais brasileiros comprometidos com uma redefinição do arranjo literário da personagem negra e de sua cultura. Essa trajetória da presença negra retratada pela literatura ganha contornos claramente díspares no momento em

que o próprio negro toma para si a palavra, tornando-se sujeito de produção do discurso, e deixa de ser apenas o retrato de estereótipos – o erótico, o infantil, a vítima, dentre outros – de uma visão herdada do colonizador. Segundo observa Domício Proença Filho, “essa tomada de posição literária relaciona-se com os movimentos de conscientização dos negros brasileiros que marcam o início do século atual” (FILHO, 2010, p. 57).

Nascidos dessa necessidade de afirmação e visibilidade da cultura negra, que por tanto tempo foi solapada, grupos de escritores afro-brasileiros surgem reivindicando uma identidade cultural que traz a mudança na concepção do significado de ser negro nos meandros literários. Apesar dessa conscientização e consequente mudança de condição, muito do que passou a ser produzido desempenhou superficial função de revide social nos moldes de manifesto, com pouca qualidade estética. Em contrapartida, despontaram grandes nomes a partir dessa literatura “de consciência” afro-brasileira, que têm desempenhado fundamental ação no sentido de se fixar uma nova episteme que vai ao encontro de uma velha perspectiva excludente a que sempre foi submetido o negro, tanto na sociedade quanto na ficção.

Esse espaço de resistência cultural contra um fluxo de valores legitimados na literatura está impregnado pelo que Abdias do Nascimento (1980) denomina “sentimento quilombista”. Para ele, os quilombos resultaram dessa exigência vital dos africanos escravizados, no esforço de resgatar sua liberdade e dignidade através da fuga ao cativeiro e da organização de uma sociedade livre. Daí forjar o conceito de quilombismo para essas práticas de libertação das amarras do olhar de fora ao representar o afrodescendente, articulando uma linguagem literária própria que rompe o discurso da cultura oficial e adota uma postura de valorização da estética negra e resistência à secular marginalização social.

No que tange à apresentação de elementos da cultura afro-brasileira, a autora Cidinha da Silva retoma a ancestralidade africana para propor outro significante para um mito no conto “Dublé de Ogum”. O enredo apresenta um menino que gostava de brincar com uma capa e uma espada de plástico, imitando heróis de desenhos animados. Ao completar treze anos e continuar usando sua fantasia, o garoto é levado à psiquiatria pela avó e pela mãe. A médica, que trabalhava com os sonhos dos pacientes, escuta alguns daquele menino e, impressionada com a riqueza de detalhes dados por ele sobre um homem poderoso com o qual se identifica, entende que o garoto seja um dublê de Ogum.

Na mitologia yorubá, Ogum é o orixá ferreiro, senhor dos metais. Temível guerreiro, violento e implacável, fez-se respeitar em várias partes da África pelo seu caráter devastador. Muitos os reinos se curvaram diante do poder militar de Ogum. Matou muitas pessoas, mas também acabou com a fome de outras tantas, por isso, antes de ser temido, Ogum é amado. No entanto, para a maioria da população de nosso país, basta que seu nome ou de outros orixás africanos sejam aludidos, para que toda carga simbólica que o mito traz em si seja depreciada, ocorrendo imediata identificação com uma alegoria demoníaca ou mesmo, como maneira de torná-lo mais aceitável socialmente, com algum santo

católico – Ogum/São Jorge. No mesmo caminho, as religiões afro-brasileiras são tidas como práticas de feitiçaria, causadoras de prejuízos. Sendo assim, a resistência quilombista em “Dublê de Ogum” articula para inserir esses elementos mitológicos afrodescendentes na sociedade brasileira em mesma condição qualitativa dos artefatos canonizados.

Partindo de uma cultura midiática – que também exclui o negro e seus elementos –, Cidinha da Silva estabelece uma correspondência entre o herói de desenhos animados He-Man e o mito africano Ogum. He-Man não é invulnerável, mas muito resistente e suporta condições que vão bem além das que as forças humanas toleram. Tem como principal arma a Espada do Poder, que nunca é usada para matar, e o segredo de toda sua capacidade está em Graiscow, castelo onde vive. No entanto, Ogum suplanta He-Man e os “poderes de Graiscow” ao não se deixar apagar por eles e surgir nos sonhos do menino com as reais características atribuídas a esse orixá pela tradição africana. Desconhecendo a entidade Ogum, o garoto a associa ao que lhe é disponibilizado pela cultura elitizada e branca da mídia: personagens como He-Man ou Homem de Ferro.

O menino contou um dos sonhos. Ele se vestia como o Homem de Ferro, personagem dos quadrinhos, e uma matilha de cães o atacava. Ele desembainhava a espada e cortava a cabeça de todos, um por um. Tomado por ira terrível, cortava também a cabeça dos passantes que o observavam e não lhe rendiam graças. (SILVA, 2009, p. 196)

Percebe-se então uma tentativa de correção do olhar míope do branco sobre a cultura negra ao se concluir, pelo relato do menino, que aquele ser preto, misterioso, irônico e amedrontador não pratica o mal, tampouco o personifica. Quando o estrangeiro – representante dos seguidores das religiões de matrizes europeias – faz conjecturas infundadas sobre o ferreiro e se sente derrotado diante do poder que ele evidencia, define-se o panorama de representação das religiões de matrizes africanas no Brasil. Delineada a cena da inevitável morte de quem procura tal caminho – “Pergunta-se o que fora fazer ali, despede-se da vida, pois é certo que vai morrer” (SILVA, 2009, p. 198) –, Cidinha da Silva rompe com o falso paradigma que liga o Candomblé às forças do Mal, estabelecendo uma equivalência entre Ogum e qualquer mito católico, por exemplo. O ferreiro/orixá auxilia o estrangeiro na travessia do abismo e indica-lhe o caminho a seguir – “O homem, quando abre os olhos, já está em terra, na margem oposta” (SILVA, 2009, p. 198).

Após ser ajudado pelo ferreiro/orixá na travessia do abismo e com a indicação do caminho a seguir, o estrangeiro não compreende a sugestão por acreditar ser aquele trajeto o mesmo pelo qual chegou até ali: “Não entendo, a estrada não é o caminho de volta?” (SILVA, 2009, p. 198). Rindo, o ferreiro garante ter feito a sua parte, a qual se pode concluir tenha sido a provável epifania suscitada no momento em que mostra sua essência amistosa, seu caráter benevolente, a um forasteiro que presumia estar à frente do Mal que inevitavelmente o faria sucumbir. Aqui, no que fica entredito na resposta do orixá – “Siga por aquela estrada e encontrará o caminho!” (SILVA, 2009, p. 198) –, a voz de

Cidinha da Silva se levanta num grito ideológico de resistência cultural, no qual a temática da religiosidade negra exige inserção na sociedade brasileira. Ao assumir o comando da história e indicar a estrada de volta como caminho a ser seguido, o orixá sinaliza para um retorno do estrangeiro aos seus semelhantes para que dê seu testemunho sobre a experiência vivenciada naquela montanha, o que seria um depoimento de tolerância, respeito e afirmação da cultura afro-brasileira.

Embora o menino do conto não seja caracterizado pela cor da pele, afirma-se no entanto que no país do seu sonho “todo mundo era preto e ele também” (SILVA, 2009, p. 196). Pistas apontam para uma possível afrodescendência do menino ou servem apenas como estratégia para marcar as relações entre culturas. O respeito e o poder de decisão que tem a avó – “A avó (...) disse que aquilo já passava dos limites e deveriam levá-lo a um psiquiatra” / “A avó foi junto.” / “Como nos casos de decisões mais sérias, quem tomava a frente era a avó (...)” (SILVA, 2009, p. 195-196) –, remetem à importância dispensada ao idoso africano que, com a sua sabedoria adquirida nos seus muitos anos de vida, torna-se o transmissor dos valores da cultura tradicional herdada dos seus antepassados, fazendo-se detentor da autoridade das decisões. Outra figura que se equivale à maioria dos afrodescendentes brasileiros é o pai. Seria a representação estereotipada do negro/mestiço excluído da sociedade, que vive menos que o branco, que estuda menos que o branco, que tem renda menor que a do branco e, portanto, vive à margem, “sempre embriagado e ausente” (SILVA, 2009, p. 196) da família. Seguindo ainda o pensamento de admissão de elementos negros no texto como forma de resistência ao silenciamento sempre imposto a sua cultura, Cidinha da Silva nos apresenta uma psiquiatra que rompe com o objetivismo cientificista, admitindo a possibilidade da existência de “pessoas (...) em sofrimento (...) espiritual” (SILVA, 2009, p. 196). Ao provocar essa fissura no modelo vigente de profissional psiquiatra – geralmente, artífice de práticas alopáticas após um objetivo diagnóstico que considera apenas os males da mente –, além de confiar à psiquiatra a tarefa de reconhecer Ogum naquele menino, a autora está sinalizando para uma aceitação de elementos negros marginais em um consultório médico, território que o sistema simbólico dominante caracteriza como “de branco”. Forjar essa personagem é reordenar uma identidade historicizada, na qual sujeitos e culturas ocupam espaços e desempenham ações sociais específicas e limitadas.

A médica impressiona-se com a riqueza de detalhes dos sonhos do garoto e pergunta o que eles despertam nele. O garoto diz sentir-se aquele homem, o que corta as cabeças, é de ferro e voa com uma espada na mão. Um dublê de Ogum, ela intui. (SILVA, 2009, p. 198)

Com uma linguagem que pretende ser simples como estratégia de ampla leitura e divulgação, o conto “Dublê de Ogum” pede passagem para um Brasil multiétnico e pluricultural. Equilibrar as variadas culturas que dividem o espaço do nosso país, passa antes por uma engajada valorização e afirmação da cultura negra devido à tentativa de apagamento secular que ela sofreu. O sentimento quilombista do conto pretende uma negociação para que o desdobramento brasileiro do signo africano de Ogum se equivalha ao seu correspondente católico São Jorge

– enquanto símbolo autorizado socialmente –, sem que um sobrepuje o outro, ocupando cada qual o seu espaço. Fundamentado por Homi Bhabha, o discurso proposto por Cidinha da Silva se faz pertinente na medida em que “o colonizado não só encena o direito de significar como também questiona o direito de nomeação que é exercido pelo colonizador sobre o próprio colonizado e seu mundo”. (BHABHA *apud* EVARISTO, 2010, p. 134).

RÉSUMÉ

Cet article vise à analyser le conte «Doublê de Ogum», de Cidinha Silva, à la lumière du « Quilombismo », un concept créé par Abdias do Nascimento pour désigner les pratiques de libération du regard de l'Autre en ce qui concerne la représentation du Noir, en prenant une attitude d'appréciation de cette esthétique. Le sentiment quilombiste du conte aspire à une négociation pour que le déploiement brésilien du symbole africain d'Ogum s'équivaille à des symboles autorisés socialement, à travers la stratégie d'admission d'éléments noirs dans le texte comme une forme de résistance au silence toujours imposé à cette culture.

Mots-clés: Littérature afro-brésilienne; Doublê de Ogum; Quilombismo.

Referências

- EVARISTO, Conceição. “Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira”. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org). **Um tigre na floresta de signos**: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. 1ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.
- NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Vozes, 1980.
- FILHO, Domício Proença. “A trajetória do negro na literatura brasileira”. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org). **Um tigre na floresta de signos**: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. 1 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.
- SILVA, Cidinha da. “Dublê de Ogum”. In: RUFFATO, Luiz (Org). **Questão de pele**: contos sobre preconceito racial. 1 ed. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.